

“INFORTUNADOS FILHOS DE LUTHERO E CALVINO”: CONFLITOS RELIGIOSOS ENTRE PROTESTANTES E CATÓLICOS NA ZONA DA MATA DE PERNAMBUCO – 1890/1910

CLÁUDIO ROBERTO DE SOUZA*

INTRODUÇÃO

No dia 1º de maio de 1915, o jornal A Serra, editado semanalmente em Timbaúba, informava aos seus leitores que “no último domingo tiveram lugar na Igreja Evangélica, diversas cerimônias religiosas que se revestiram de grande brilhantismo”. Estiveram presentes os pastores Júlio Leitão de Mello e James Holden, “empolgando o grande e seletivo auditório com frases fluentes”. Foi realizado naquele dia, o batismo de “quatro senhoras e três cavalheiros”. O reverendo Júlio Leitão era um dos filhos de uma das famílias mais antigas de São Vicente Férrer, que eram ligados à cafeicultura. Foi batizado em 1905 por um missionário da Igreja Evangélica Pernambucana, estabelecida em Recife e centro de difusão do congregacionalismo no Nordeste, tendo sido consagrado pastor em 1912, por ocasião da organização da igreja congregacional de Monte Alegre, em Pirauá, Macaparana, depois de ter cursado o Seminário Presbiteriano de Garanhuns. O pastor James Holden, ou Haldane, por sua vez, era um missionário congregacional escocês que chegou ao Brasil em 1911, e assumiu a direção da Igreja Evangélica Pernambucana, onde trabalhou fortemente na abertura de frentes missionárias desta igreja.

Macapá e São Vicente Férrer eram, àquela época, distritos do município de Timbaúba, uma região localizada na região de fronteira da Zona da Mata Norte de Pernambuco com a Paraíba cuja economia estava ligada ao comércio, ao algodão, ao café e, no caso de Timbaúba, à tecelagem do algodão. Antes da Igreja Evangélica Congregacional, fundada na cidade em 1911, os batistas haviam fundado a sua igreja em 1901, a partir de uma frente missionária aberta pela Igreja Batista em Nazaré da Mata e pelo pastor Salomão Ginzburg. Este último era um judeu polonês que se converteu ao evangelho na Inglaterra e emigrou para os EUA, onde se tornou missionário da Igreja Congregacional, destacado para trabalhar em Portugal, de onde veio ao Brasil em 1891. Aqui, ligou-se aos batistas e à Junta de Missões de Richmond,

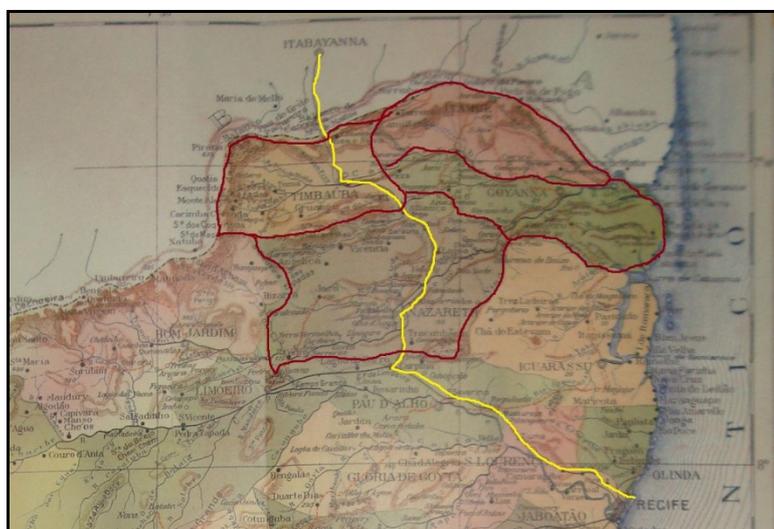
* Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pernambuco (PPGH/UFPE)

sul dos EUA, passando a desenvolver suas atividades por todo o território nacional, radicando-se em Pernambuco entre 1900 e 1909.

A notícia publicada n'A Serra daquele 1º de maio, portanto, remete-nos a um momento particular na história da igreja cristã no Nordeste, que foi o intenso trabalho desenvolvido pelos missionários protestantes das igrejas batista, congregacional e presbiteriana, para realizar a difusão de sua fé. As igrejas evangélicas constituíam uma nova cultura religiosa, diferente dos padrões católicos praticados tanto pelo clero, quanto pelo povo; tanto do catolicismo romanizado que expandia sua influência sobre o clero naquele momento, quanto sobre a cultura religiosa católica popular, que muitas vezes se desenvolvia amparada em devoções e ritos que cresciam à margem das instruções oficiais do clero.

A implantação destas igrejas dependia de condições de infraestrutura de transporte, envolvia o processo de recrutamento e formação de líderes e pastores locais; o relacionamento entre as denominações, que ora de colaboração, ora de conflito por questões doutrinárias; as estratégias de proselitismo; o enfrentamento e o conflito com a cultura católica; o provimento dos recursos necessários ao trabalho e ao funcionamento das novas igrejas; e a criação de uma identidade cultural entre os conversos que fortalecesse seus laços internos e dificultassem a dispersão dos membros das novas igrejas.

1. A ZONA DA MATA DE PERNAMBUCO EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX



Detalhe da Carta Chorographica do estado de Pernambuco, indicando os quatro municípios da Zona da Mata Norte (Timbaúba, Itambé, Goiana e Nazareth). A linha amarela indica o roteiro da ferrovia, que saía do Recife, atravessa a região e seguia para Campina Grande.

A Zona da Mata Norte de Pernambuco é uma extensa área formada no início do século XX por quatro grandes municípios, quais sejam, Goiana, Nazaré da Mata, Itambé e Timbaúba. Estas quatro cidades envolviam os distritos que se emancipariam ao longo do século. Vicência, Aliança e Tracunhaém eram distritos de Nazaré da Mata; Camutanga, Ferreiros, Serrinha eram distritos de Itambé; Macapá e São Vicente Férrer eram distritos de Timbaúba; e Condado e outra parte do que viria a ser Aliança, eram distritos de Goiana. Juntos, os quatro municípios possuíam cerca de 100 mil habitantes. Na segunda metade do século XIX, toda a faixa fronteira com a Paraíba era constituída por terras e distritos do município de Goiana, até que houve a criação da vila de Itambé em 1867, que passava a ter jurisdição sobre o território que abarcava os atuais municípios de Serrinha, Camutanga, Ferreiros, Timbaúba, Macaparana e São Vicente Férrer. Doze anos depois, em 1879, Timbaúba foi separada de Itambé, ficando até 1928 com o controle sobre Macapá e São Vicente Férrer. O desmembramento de todas elas está associado à existência de atividades econômicas que proporcionaram um dinamismo e o desejo de autonomia nas elites locais. No caso de São Vicente Férrer, a região é de uma altitude elevada, com temperaturas bem mais baixas, com um perfil fisiográfico muito diferente de sua sede original (Goiana) ou mesmo de Timbaúba, a quem ficou posteriormente jurisdicionada. É uma área fronteira com o Agreste que teve nas últimas décadas do XIX o desenvolvimento de uma importante cultura cafeeira. A região entre Nazaré da Mata e Timbaúba era largamente ocupada por algodoais, pequenos proprietários, pela fruticultura, que possibilitaram o surgimento de importantes feiras nestes municípios, tornando-os o centro de uma rede relações comerciais e políticas com a capital, que marcaram inclusive os grandes conflitos políticos da segunda metade do XIX. A região foi palco da Praieira, dos Quebra-Quilos, do Ronco da Abelha, todas elas, sublevações associadas à presença de pequenos agricultores e homens livres pobres nesta região de Pernambuco.

2. A FERROVIA GREAT WESTERN: DO RECIFE A CAMPINA GRANDE, PELO CORAÇÃO DA ZONA DA MATA NORTE

A implantação das ferrovias e o traçado que elas seguiram foi outro fator importante que contribuiu para o surgimento de diferenças econômicas no interior de vilas, promovendo o crescimento de certas localidades e o seu futuro desmembramento. Contribuiu mesmo para a alteração econômica das relações entre os municípios já estabelecidos, possibilitando o dinamismo de uns em detrimento de outros. Mas, não apenas isso. As relações sociais e a cultura seriam dinamizadas pelo contato com o elemento externo, o estrangeiro, o caixeiro, que agora tem o seu deslocamento facilitado, a viagem e o contato com a capital levando menos tempo, os jornais circulando mais rapidamente, as ideias circulando mais intensamente. O mundo religioso é um dos melhores exemplos dessa interação cultural provocada e acelerada pela ferrovia. Os missionários seguem a rota da estrada de ferro na abertura de seus pontos de pregação, de suas bases de atuação. Isso é claramente perceptível através da relação entre as datas de abertura das estações ferroviárias e das igrejas na região, conforme a tabela abaixo.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS/ABERTURA DE IGREJAS EVANGÉLICAS		
MUNICÍPIO	ESTAÇÃO FERROVIÁRIA	IGREJA
NAZARÉ DA MATA	1882	Presbiterianos, 1890; batistas, 1900.
TIMBAÚBA	1888	Batistas, 1900. Congregacionais, 1910
Sirigi (São Vicente)	Ramal Timbaúba	Batistas, 1903.
São Vicente	Ramal Timbaúba	Batistas, 1914.
PIRAUÁ	Ramal Timbaúba	Congregacionais, 1910
GOIANA	Não há ferrovia, mas a cidade já se liga a Recife por estrada de rodagem no início do século.	Presbiterianos, 1900. Batistas, 1892.
Campina Grande	1907	Batistas, 1923. Congregacionais, 1920.
Vicência	Ramal Pureza, 1883	Batistas, 1941.
Aliança	1883	Batistas, 1935
Limoeiro		Batistas, 1901.

Fonte: Tabela consolidada a partir de dados colhidos em MELO, 2008; PEREIRA, 2001; e SOARES, 2009.

A segunda metade do século XIX assistiu, portanto, ao surgimento e criação de uma rede de ferrovias, a maior parte sob a direção da Great Western do Brasil, que detinha inicialmente

um ramal que ia do Forte do Brum até Limoeiro, início do Agreste. À altura da atual cidade de Carpina, a GWBR começou a construção de outro ramal em direção ao norte para encontrar-se com a Estrada de Ferro Conde D'Eu, que seguia em direção a Natal, Rio Grande do Norte. A construção do ramal norte da ferrovia seguiu o roteiro Carpina (1881), Tracunhaém (1882), Nazaré da Mata (1882), Upatininga/Aliança (1882), Baraúna/Aliança (1883), Centro de Aliança (1883), Pureza/Timbaúba (1883), Centro/Timbaúba (1888) e Rosa e Silva/Timbaúba (1900), de onde seguiu para a Paraíba, ligando-se aos ramais de Campina Grande e de Natal. As igrejas evangélicas surgiram seguindo esta rota e datas, um fato que foi evidenciado pelo reverendo Ginzburg em seu livro de memórias, quando relembra os fatores que ajudaram a ampliação do trabalho missionário na região. Segundo o reverendo, tratando sobre a igreja de Limoeiro, mas com um arrazoado que pode perfeitamente ser estendido para o restante da região,

“A cidade de Limoeiro é um centro muito estratégico no campo pernambucano, não somente por causa da sua população e facilidades da estrada de ferro, mas também por sua vizinhança com plantios de algodão e de cana de açúcar.” (GINZBURG: 142)

Em um estudo sobre as estradas de ferro no Nordeste e em Pernambuco, o professor Josemir Camilo demonstra que havia uma relação entre as ferrovias e a atração de investimentos que não eram apenas ligados ao açúcar. Demonstrando seu argumento através do estabelecimento das tecelagens no estado, ele afirma que

destas fábricas [têxteis], apenas Goiana e Paulista foram assentadas fora de qualquer linha ferroviária. Isso prova que, em sua maioria, as ferrovias e tramways atraíram não somente engenhos centrais e usinas, mas fábricas têxteis, mesmo em outras províncias, como Alagoas e Rio Grande do Norte” (MELO, 2008: 93)

Podemos acrescentar que atraíram não apenas novos investimentos, mas contribuíram para a circulação de novas ideias em toda a extensão que atingiram.

3. “INFORTUNADOS FILHOS DE LUTHERO E CALVINO”: CONFLITOS ENTRE CATÓLICOS E EVANGÉLICOS

A nova forma de exercício da fé cristã que se propaga pela Zona da Mata Norte, na década de 1890, possui as diferenças doutrinárias óbvias com o catolicismo romano, que diz respeito às devoções aos santos, aos sacramentos, o papel do clero na relação entre o crente e Deus, na

organização eclesial, na leitura da bíblia. Mas, podemos perceber essas diferenças como parte de algo maior, que é a forma de compreender o próprio mundo, as relações culturais, o papel de si, como indivíduo, diante da vida e das coisas do sagrado. Nesse sentido, o choque entre católicos e evangélicos, as conhecidas ‘perseguições religiosas’ que estes sofrem, não ocorrem apenas por uma mera diferença doutrinária, mas porque esta diferença acende um debate sobre as diferenças culturais mais amplas entre estes sistemas de mundo, estas cosmovisões. Desta forma, podemos compreender como os conflitos ocorrem, mesmo com o país estando já sob o signo da constituição republicana de 1891, que havia separado oficialmente a religião e o Estado, que havia criado instrumentos de secularização das relações sociais e políticas para reger o próprio Estado. Mesmo que a legislação garantisse a liberdade religiosa e a liberdade plena de culto, nas vilas, cidades, distritos e fazendas do interior, o que está em jogo não é apenas o cumprimento da lei, mas o confronto entre dois conjuntos de padrões culturais religiosos que trazem diferenças marcantes nos seus exercícios religiosos, mas, também nos relacionamentos sociais mais amplos.

Os relatos de confrontos podem ser encontrados facilmente nos livros de memórias das igrejas e dos missionários que atuaram na região. Neste artigo, servimo-nos dos relatos de perseguição consignados no livro de memórias do reverendo Ginsburg, na sistematização procedida pela professora Joyce Every-Clayton e pelos professores Zaqueu Moreira Reis e Caleb Soares em seus livros que tratam, respectivamente, do início da Igreja Evangélica Pernambucana, das perseguições religiosas aos batistas e aos presbiterianos, especificamente, os capítulos destas duas últimas obras que tratam de Pernambuco. Evidente, que tais relatos precisam sempre ser conferidos com uma documentação produzida fora do âmbito eclesial, para evitar a armadilha de um discurso hagiológico e de vitimização destinado a criar heróis da fé. A imprensa secular, entretanto, registra também com assiduidade relatos de diversos tipos de confrontos entre os evangélicos e os católicos, e para este artigo examinamos o jornal diário A Província, onde a os capuchinhos e a Liga contra o Protestantismo escreviam com frequência e divulgavam as ações de resistência ao avanço dos ‘nova-seita’.

Encontramos um conjunto de enfrentamentos que poderíamos dizer que são conduzidos por um debate de natureza ideológica entre os dois sistemas, o católico e o evangélico, a exemplo de quando os capuchinhos recolheram bíblias distribuídas por colportores e as incendiaram

numa fogueira em frente à Igreja da Penha, em Recife (ARAÚJO, 1906: VII-X). Outros relatos dão conta de agressões aos templos construídos ou que eram utilizados para esse uso. Foi o caso da Igreja Batista de Nazaré da Mata, incendiada em 1896, logo depois de iniciado o trabalho batista neste município (PIMENTA, 1994: 80). Há relatos de conflitos internos familiares, como no caso do ministro congregacional Júlio Leitão de Mello, que depois de sua conversão em 1896 foi expulso de casa (entrevista do neto do reverendo ao autor).

E, ainda, situações inusitadas que levaram a catástrofes, como a que ocorreu em Bom Jardim, no agreste de Pernambuco, no dia 15 de abril, o domingo de páscoa de 1900. Ali, o trabalho batista resultou na conversão de um político local, que passou a organizar cultos em sua fazenda, levando a luta política que travava com o coronel local a travestir-se em conflito religioso, resultando em um choque armado e na morte de dezenas de pessoas. O relato feito pelo reverendo Ginsburg em seu livro de memórias inicia descrevendo Bom Jardim como “rodeada de ricos plantios de cana de açúcar e criação de gado bovino, um centro de riquezas e com um grande futuro, principalmente se o plano para [a construção de] uma ferrovia chegar a ser feito”. O pastor destaca um elemento desprezado na crônica de diversos outros evangelistas, tratando do comportamento assumido pelos conversos à nova fé em suas relações cotidianas com a comunidade, marcado pelo ímpeto proselitista, decorrente da percepção dos evangélicos sobre a necessidade de conversão da alma e do comportamento social para a salvação da alma. Segundo o pastor, “como acontece muitas vezes, os conversos neófitos, cheios de zelo e falta de prudência, começaram a rir e zombar dos católicos e dos padres”. Tal enfrentamento evoluiu gravemente por “ser aquele convertido de influência e alguns fazendeiros interessados pertencentes ao partido político da oposição e em cujas fazendas estavam havendo as pregações”. Pelo mando do chefe político,

“mais de 80 cangaceiros vieram para atacar um grupo de 15 crentes, desarmados, inofensivos e sem proteção! O sinal para o ataque do grupo que vinha pelos fundos era um tiro de espingarda, dado à toa. (...) Cerca de oito horas da noite, os perseguidores entraram na cidade com grande alarido. O povo, não sabendo o motivo de sua vinda, pensou que vinham roubar e matar toda a gente, como acontecera recentemente em muitos lugares. (...) o chefe político, porém, instado pelo chefe da cidade, vendo o que se dava no teatro, encontrou o grupo e conseguiu fazer-se ouvido pelo chefe dos cangaceiros. Pediu-lhe que voltasse, pois que a sua presença estava causando grande consternação. O tal chefe consentiu, aparentemente, em retirar-se, mas, propositalmente ou não, levantou a espingarda e deu um tiro à toa e gritou: ‘Viva Nossa Senhora Santa Ana!’ O grupo que vinha pelos fundos, não sabendo o que se passava, logo que ouviram o tiro, ergueram as

armas e começaram a fazer fogo, cuidando que estavam atacando os protestantes. O grupo das ruas, vendo que estavam sendo atacados, pensaram que eram os protestantes que os atacavam e fizeram fogo no grupo oposto. Antes que se descobrisse o engano, uns vinte e cinco estavam mortos e mais de cem, feridos.” (GINSBURG, 1970: 123)

As imprecisões deste relato deve-se a sua natureza, que não era a de realizar um registro histórico, com a fixação precisa de datas, nomes e lugares, mas, produzir um relato memorialístico destinado à animação de sua comunidade de fé, em uma espécie de testemunho pessoal das dificuldades e superações que os evangélicos enfrentaram no trabalho de estabelecimento de suas igrejas. Tal estratégia argumentativa, conscientemente ou não, importa-se menos com a precisão documental do fato, do que com a sua interpretação. Desta forma, o relato enaltece e potencializa os aspectos positivos do comportamento dos missionários, dos conversos, dos seus simpatizantes, ao mesmo tempo em que atribui ao outro, aqueles que não partilham da nova fé, a responsabilidade pelos obstáculos, dificuldades e perseguições que o trabalho missionário tenha sofrido. Não estamos afirmando que tais relatos sejam mentirosos, no sentido dos fatos não terem ocorrido, mas, que o seu objetivo, qual seja, o de constituir-se em um relato pedagógico, para animar os crentes na atividade missionária, traz prejuízos para situar com precisão o evento em tela. Sendo assim, o trabalho do historiador é repor o evento no contexto da teia de relações sociais em que ele esteve inserido, analisando o fato, mas tomando também a interpretação dada pelo seu narrador como objeto de análise.

O relato feito por Ginsburg é um tanto confuso, não faz referências aos nomes dos personagens, não especifica os nomes das fazendas nem das autoridades. Um ponto que merece atenção é a invocação a Nossa Senhora de Santana, por parte do chefe daqueles que estão atacando os protestantes. A narração cria uma sensação de estarmos diante de uma guerra religiosa, e era esta a intenção do autor, considerando ainda que o seu livro foi escrito mais de uma década depois da tragédia. O episódio de Bom Jardim ganha mais luzes a partir da identificação do pároco local, padre João Bezerra, que ocupava o cargo de senador estadual, do fazendeiro Antonio Marques, que fazia oposição ao pároco também nas questões políticas, trazendo para a questão religiosa, que já não era algo simples, um ingrediente potencialmente explosivo, que era a sua interação com o mundo das relações de poder clientelistas e lideradas por chefes políticos poderosos (REIS, 1999: 100-105).

O chefe político local teria armado uma emboscada para o seu adversário porque agora, a expansão dos evangélicos estava sendo interpretado pelo coronel como um desafio ao seu poder. O confronto está repleto de elementos da cultura religiosa de ambos os grupos. , resultaram No relato do missionário, o fazendeiro converso não estava com tais intenções, mas a hipótese de uso da nova fé para algum tipo de mobilização política não é implausível (GINZBURG, 1970, 123-126).

Em um trabalho sobre o protestantismo no sertão, o professor Severino Vicente relata um episódio ocorrido em Belém do São Francisco, em que o padre local “exige que o proprietário do imóvel onde os cultos eram realizados, tome de volta o prédio e, após a saída dos inquilinos, é feito o exorcismo do prédio após uma procissão” (SILVA, 2010: 82). A memória produzida por evangélicos sobre as perseguições também é farta em relatar tentativas de assassinatos sofridas pelos missionários, como esta coletada pelo batista Antonio Mesquita, sobre o atentado sofrido pelo pastor João Borges da Rocha, em Timbaúba:

Em 17 de abril de 1901, ao retornar do culto o pastor Borges sofreu tentativa de assassinato, ficando ferido, fato que não o impediu de pregar na noite seguinte. Salomão Ginzburg pediu providências ao Governador do Estado, o qual determinou ao Juiz de Direito dar garantia de vida ao pastor Borges e responsabilizou o vigário de Timbaúba pelo que acontecesse a este. O padre, sentindo-se humilhado e irado, sofreu uma convulsão a caminho para Recife, onde faleceu (MESQUITA, 1940).

4. AS IGREJAS.

Procedemos a um breve balanço sobre a abertura de igrejas na região, situando os locais, datas e personagens envolvidos. Estes dados são coletados de memórias eclesiais e pessoais dos que estiveram envolvidos no processo e não são exaustivos, mas apontam importantes tendências para compreender a presença e as estratégias de implantação dos evangélicos na região.

a) Presbiterianos em Nazaré da Mata. 1890

O trabalho presbiteriano em Nazaré teve início com a presença do missionário presbiteriano John Rockwell Smith (1846-1918), natural do Kentucky/EUA, que chegou a Pernambuco em 15 de janeiro de 1873, depois de organizar a Igreja Presbiteriana de São Paulo. Organizou a Igreja Presbiteriana do Recife, em 11 de agosto de 1878, e diversos trabalhos missionários

que abarcavam toda a faixa litorânea até Fortaleza, Ceará. A dificuldade em acompanhar o núcleo presbiteriano em Nazaré, aliada à saída de John Rockwell Smith do estado em 1890, deixou os presbiterianos de Nazaré sem assistência e apoio necessários, que teria coincidido com uma perseguição movida pelos católicos, que lhes destruíram a casa que servia de templo, causando a dispersão do trabalho. Remanescentes deste grupo foram reagrupados em 1895 pelos batistas, através do reverendo Salomão Ginzburg.

b) Batistas em Nazaré da Mata. 1895.

O trabalho batista em Nazaré teve início em março de 1895 e em 12 de janeiro 1896, foi organizada como Igreja, com dezesseis membros. A instituição da Igreja foi presidida pelo pastor William Edwin Entzminger, e secretariado pelo pastor Mello Lins. Na mesma ocasião, foi eleito como pastor o missionário William Entzminger e o converso local João Borges da Rocha, para o diaconato. João Borges foi posteriormente, ordenador pastor, tendo sido pastor da Igreja Batista em Timbaúba e da Primeira Igreja Batista em Recife.

c) Batistas em Timbaúba. 1901.

A Igreja Batista de Timbaúba foi organizada em 12 de dezembro de 1901 por Salomão Ginzburg. O missionário Salomão Ginzburg, em março de 1901, alugou uma casa, onde realizou uma série de cultos e depois passou a fazer reuniões semanais. Salomão deixou o grupo sob os cuidados do pastor João Borges da Rocha, de Nazaré da Mata.

d) Congregacionais em Pirauá, Timbaúba.

Timbaúba foi um dos pontos centrais de difusão do protestantismo no extremo da Mata Norte, em decorrência de sua estação da Great Western. Por ela, os missionários da Igreja Evangélica Pernambucana chegaram à região do Vale do Sirigi, já no começo do século, com a abertura de congregações em Orobó, no Sítio Cavunga, nas proximidades da atual Vila de Sirigi, um distrito de São Vicente Férrer; também, em Balanço e Monte Alegre, além de vários pontos de pregação, espalhados nas redondezas. O trabalho era conduzido sob a liderança do missionário Alexander Telford, escocês, e Charles Kingston, inglês, ambos obreiros mantidos pela entidade britânica HELP FOR BRAZIL, e auxiliados pelo presbítero português Manoel de Souza Andrade, e pelos evangelistas nacionais Pedro Campelo e Hermenegildo Sena, alunos do Seminário Presbiteriano em Garanhuns aos quais

se juntaria o jovem Júlio Leitão de Melo, natural da região de São Vicente e um dos primeiros pastores congregacionais da região.

e) Batistas em Goiana. 1892.

A Igreja Batista de Goiana foi organizada em 1892, pelo trabalho missionário de dois alunos da classe teológica de William Edwin Entzminger, Emigdio Bento Alves e Juvêncio Índio do Brasil. O missionário Entzminger fez duas visitas, realizou o batismo vários convertidos, o que devia ser um evento, no mínimo estranho para a cultura religiosa predominante. Afinal, o ritual possui uma dimensão estética que não é nem um pouco desprezível. Imaginemos um grupo que se dispunha a dirigir-se às margens do rio local, vestidos com longas túnicas brancas a fim de serem mergulhados sob a condução de religiosa de um pastor de sotaque inglês, em um ambiente com a prevalência até bem pouco tempo dos rituais religiosos católicos romanos e podemos imaginar as discussões que o evento pode ter entre a comunidade local.

f) Batistas em Aliança

A narrativa consignada pelo reverendo Antonio Mesquita sobre a chegada dos batistas em Aliança traz outro capítulo da narrativa evangélica acerca das perseguições religiosas. Um grupo de famílias havia se convertido e batizado em Goiana, moradores de um engenho chamado Jardim, desde 1906. Mas, ao longo do tempo, conflitos entre os conversos e o dono do engenho levaram à saída do grupo, que se fixou nas terras do engenho Lagedo, em Aliança.

Em 19 de Julho corrente (1912), o pastor Eloy Correia, pastor da Igreja de Goyana, fez uma visita ao engenho “Jardim” e alli baptizou 22 pessoas, organizando a Igreja de Jardim, em seguida. Esta igreja conforme registrou no seu livro de Actas, ficou se chamando de “União Baptista Pernambucana”. Como a vida dos engenhos é sempre incerta devido a vida accidentada de seus trabalhadores assim também é a vida das igrejas organizadas nestes lugares. Pouco tempo depois, o dono do engenho “Jardim” fez aos crentes exigências que elles não podiam submeter-se, determinando a mudança da igreja para o engenho “Juca”, no mesmo município de Igarassu, passando a chamar-se Igreja Baptista de Juca. A acta da sessão de Dezembro de 1912 já mostra esta mudança. Mais tarde foi offertada á Igreja, por um irmão, um pedaço de terra um pouco distante para nelle ser edificado o templo da igreja. Este terreno fica no lugar “Lagedo”, nome que a Igreja tomou logo que mudou para ali sua sede. Hoje é a Igreja Baptista de Lagedo. A sessão de 8 de Maio de 1921 já foi effectuada em seu novo templo, em Lagedo. Foi dirigida nos primeiros dois annos pelo pastor Eloy Correia. Em 12 de Fevereiro de 1908, o pastor Salomão faz ver á Igreja que as necessidades do campo forçavam o pastor Eloy Correia a renunciar ao

pastorado, escolhendo a Igreja o pastor Manoel da Paz para ali fazer uma visita mensal. Entretanto nos meses seguintes encontramos de novo o pastor Eloy Correia moderando as sessões. De Janeiro a Setembro esta igreja não teve visita pastoral, sendo eleito nesta última data o pastor Augusto Santiago para pastor. Tal foi, por vezes, a intermitência das atividades pastoraes que a igreja passou mais de um anno sem receber uma visita pastoral. A 4 de Março de 1923 preside a sessão o pastor L. L. Johnson que parece dirigiu a igreja por algum tempo. Actualmente é seu pastor novamente o rev. Eloy Correia. A igreja possui um dos melhores templos da roça, e um respeitável número de membros. (MESQUITA, 1940)

CONCLUSÕES

Não há o que se questionar da existência dos conflitos, mas é preciso analisar os relatos produzidos pelos missionários e pelos memorialistas das igrejas, percebendo que há uma intencionalidade nas suas narrativas no sentido de consolidar a adesão dos novos crentes através da percepção do sofrimento e das dificuldades que as gerações anteriores viveram.

As fontes possibilitam a identificação de diversas formas de conflitos, que podemos agrupar em: choques decorrentes das diferenças entre os usos e costumes dos católicos e dos evangélicos; as divergências de percepção sobre o uso de tradições advindas da cultura popular; as disputas pela imprensa entre intelectuais e clérigos dos dois grupos, que ocorriam não apenas através da imprensa da capital, mas também nas páginas dos jornais do interior; o conflito institucionalmente mais organizado, a partir da constituição da Liga contra o Protestantismo pelos padres capuchinhos; o eventual envolvimento dos protestantes com a política local, cujo conflito extremo se deu no ‘massacre de Bom Jardim’.

A memória protestante incorporou a narração sobre estes conflitos na direção da sobrevalorização do próprio esforço missionário, construindo uma narrativa de tom triunfalista, onde as perseguições diminuíram e cessaram pela vitória da justiça e correção de seus objetivos, e não por conta do estabelecimento de uma legislação civil garantindo a igualdade de tratamento religioso a todos, assegurando a liberdade da manifestação individual da fé dos cidadãos da república. Não ocorreu a defesa entre os protestantes nem entre os católicos de algo como um pacto social, ao qual todo cidadão devesse estar submetido. Assim, as narrativas de perseguição não são consignadas no sentido de construir um consenso interno sobre a necessidade da convivência harmoniosa com outros credos, afinal, o pressuposto fundamental dos missionários é a necessidade de conversão dos ‘idólatras’ e ‘infiéis’.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Vicente Férrer de Barros. **Seitas protestantes em Pernambuco**. Recife, Typographia do Jornal do Recife, 1906.

EVERY-CLAYTON, Joyce Elizabeth W. **Um grão de mostarda, documentando os inícios da Igreja Evangélica Pernambucana**. Recife, Edição do Autor, 1998.

GINZBURG, Salomão. **Um judeu errante no Brasil**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista/JUERP, 1970.

MELO, Josemir Camilo de. **Ferrovias Inglesas e Mobilidade Social no Nordeste (1850-1900)**. Campina Grande-PB: EDUFCEG, 2008.

MESQUITA, Antônio Neves de. **História dos Batistas do Brasil: 1907 até 1935**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

PIMENTA, Renan. **Igreja Batista em Nazaré, um século**. In Revista de História Municipal, Recife, FIAM/CEHM, n. 6, 1994.

REIS, Zaqueu Moreira. **Perseguidos, mas não desamparados. 90 anos de perseguições religiosas contra os batistas brasileiros – 1880/1970**. Rio de Janeiro, JUERP, 1999.

SILVA, Severino Vicente da. **Protestantismo no Sertão do Médio São Francisco**. In ROSAS, Susana Cavani, BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **Os Sertões: espaços, tempos, movimentos**. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2010.

SOARES, Caleb. **150 anos de paixão missionária – O presbiterianismo no Brasil**. São Paulo, IPC, 2009.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL